



Crônica da Cidade

MARIANA NIEDERAUER | mariananiederauer.df@dabr.com.br

"Que mágico!"

Tomei coragem e fui para a cozinha pela primeira vez, em um bom tempo, para preparar algo que não alimentasse somente o corpo, mas também a alma. Às vezes, cozinhar se torna um ato automático, necessário, de cuidado com a saúde — física e financeira. Quando isso acontece, o risco de virar uma obrigação que frustra mais do que regozija é grande.

E aí nos vemos num impasse. "Mas eu, que sempre gostei tanto de cozinhar, agora fujo do fogão como diabo da cruz!" Quem nunca passou por esse momento de desgosto? Só aqueles que não desenvolveram habilidade ou gosto por cozinhar, é claro. Mas quando houve em algum momento qualquer de prazer nessa ação, a mudança no sentimento pesa.

O gatilho para tal angústia pode ser profundo, como a perda de alguém querido, para quem cada novo prato ou a receita tradicional de família eram dedicados nos eventos especiais ou no almoço diário. Também há motivo mais banal: a pura preguiça ou cansaço de

pensar que, depois daquele esforço hercúleo para montar um menu com entrada, prato principal e sobremesa — ou apenas uma receita mais elaborada em vários passos — resta a pia lotada de louças para lavar. E não é daqueles utensílios do dia a dia, um copo com café ou água, um pratinho com farelo de pão. É limpeza pesada, óleo, gordura, tigelas e mais tigelas.

O prazer de saborear as delícias resultantes desse esforço é, invariavelmente, indescritível. Sensação potencializada quando compartilhada com aqueles que amamos. É por isso que devemos ter o maior cuidado com o alimento que levamos à mesa. Comer

não é apenas alimentar-se. É um ato de prazer, como sabiamente nos ensina a pediatra das crianças, e não devemos usurpá-lo — nem de nós, muito menos dos pequenos.

Tudo influencia nessa equação: a velocidade com que se leva o talher à boca e o tempo de mastigação; as cores e a forma como os diferentes alimentos e ingredientes se apresentam sobre o prato; e, é claro, o sabor. O umami, aquilo que transcende os sentidos tal qual os conhecemos na escola. Uma mistura inigualável de azedo, salgado, doce, crocante....

Pois no dia em que decidi quebrar o jejum, em todos os sentidos, e abrir novamente o caderninho de anotações

para pegar a receita do bolo de cenoura, tinha ao meu lado minha fiel escudeira de 2 anos de idade. O caderno, herança da minha mãe, nem é tão antigo, mas certamente mais velho do que ela. Resolvi usá-lo para começar a minha tradição e guardar ali as receitas preferidas da família. Algumas de outras gerações, outras, novas e adaptadas à realidade e aos gostos da nova composição familiar.

Dentro da caixinha florida, sai o tal caderninho de páginas amarelas. "O que é isso, mamãe?" E eu respondo: "É um livro de receitas". "Que mágico!", observa ela, e continua atenta às tarefas da tarde para concretizar o bolo de cenoura. Pura magia.

LAZER/ Homenagem à estrela do gênero Ella Fitzgerald reabriu o espaço gratuito para os frequentadores de um dos espaços mais democráticos da capital federal. Organização promete muita música, sempre aos domingos, para toda a família

O jazz está de volta ao Eixão

» RICARDO DAEHN

De cor, a funcionária pública aposentada Esther Vieira de Lima, 63 anos, elenca as constantes atrações, que, via YouTube, embalam "as noites etílicas" na casa dela e do companheiro José Menezes de Oliveira, 72, analista judiciário também aposentado. Na lista estão Miles Davis, Charlie Parker e Chet Baker, "um destaque que carrega instrumentação e vocal únicos", além da chamada Rainha do jazz Ella Fitzgerald.

Na tarde de ontem, foi justamente uma homenagem a Ella — morta em 1996 — que encantou o casal, entusiasmado pela iniciativa de retomada do Eixão do jazz, na altura da 207 Norte. "Geralmente a gente associa essas músicas a uma atração mais intimista, que lembra as jam sessions do after-hour do estrangeiro. Mas é bom demais degustar um chope, perto de casa, num ambiente bem democrático, com os auspícios da natureza que enlevam mais a gente, num evento como esse", comentou Esther. Vários grupos de mais de 350 pessoas se alternaram, ao longo da tarde, para prestigiar artistas e DJs, num clima de piquenique.

Citando a retroalimentação entre o jazz e a bossa nova e a admiração por Norah Jones, José Menezes confirmou o gosto pelo estilo musical, com as atrações apresentadas pelo evento de ontem, que reuniu talentos locais como Débora Sasb e o Trio Nós Três. De Brasília, Esther enumera talentos como Rogério Midleg, Oswaldo Amorim e Mario Salimon. "Tenho amizade nas redes com ele, que é muito articulado." Nas pesquisas, ela conta de parte da herança cultural do jazz difundida desde a Guerra de Secessão: "Renderam os batuques de bebop e se espalharam entre os trabalhadores que participaram da construção das vias férreas norte-americanas".

Também no público do Eixão do jazz estava o engenheiro florestal Gustavo Lemos, 48 anos, e a companheira dele Ananda Yamasaki. Eles aproveitaram o evento cultural para repassar conhecimentos para os filhos Ísis, 6 anos; Ian, 11; Pedro, 11; e Manuela, 9. "Sou apreciador de jazz e da música instrumental. Gosto dos virtuosos que tocam de forma muito intensa, e se entregam à música. Aqui é um lugar democrático, com acesso gratuito. É um estímulo para apresentar música de qualidade para as crianças", de-

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Rafaela Araújo foi com familiares curtir boa música

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Gustavo ensinou um pouco aos filhos o que é boa música

finiu Gustavo, enquanto explicava para a filha Manuela da admiração por Nina Simone. "Foi uma grande artista, engajada do movimento antirracista."

Exemplo de revitalização do jazz despontou na voz de Débora Sasb, 21 anos, que se apresentou no tributo a Ella Fitzgerald. Estudante de Canto Popular da Escola de Música, ela agradeceu a um público diversificado, entoando clássicos como *Solitude*, *A night in Tunisia* e *Misty*. "A gente conquista novos públicos e atravessa preconceitos com o jazz. Estamos, ainda bem, numa realidade muito mais avançada do que aquela em que Ella viveu. Ela veio da periferia, foi afetada pelo tráfico de drogas, e presa. O jazz traz sempre a história que não costuma vir de espaços privilegiados da sociedade. Vai ser

ainda melhor, quando houver uma descentralização de atividades como o Eixão do Jazz, e será lindo quando houver a possibilidade de os shows voltarem também para a periferia", comentou Débora.

Aos 13 anos, Débora despontou como talento vocal da Escola Pública CEF 20 (Ceilândia Norte) e, ontem, aproveitou da disposição de experimentar, trocar e improvisar, num repertório executado ao lado do Trio Nós Três, formado por jovens: Vinicius Faraco, 24, na guitarra; Luis Porto, 26, no baixo; e Leo Sena, 27, na bateria. "Buscamos modernizar e trazer referências mais atuais à sonoridade do jazz", avaliou Vinicius; ao que Luis Porto complementou: "A gente incrementa algumas músicas e mantém o alcance do jazz tradicional, em outras. Percebo, nisso, o

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Esther e José lembraram de bons momentos juntos

ressurgimento de frequência mais jovem, a partir de uma música que se apresenta mais associada ao pop e à black music".

Público jovem

Com o ensino médio recém-concluído, a estudante Rafaela Araújo, 18, incrementava o novo público observado na ensolarada vertente do jazz. Foi a madrinha dela, Kelly Araújo, 43 anos, advogada, quem arrebancou a família, saída do Lago Norte, para prestigiar o evento. Ela trouxe o primo (de Rafaela) Mateus, 9, o irmão Flávio, 10, e ainda o cão husky Bolt, que chegou a tiracolo. "Vim mais pelo passeio de bicicleta, quem ouve bastante jazz é a minha tia, mas não deixo de me interessar por conhecer novos estilos", definiu Rafaela. Frequentadora

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



A cantora Débora Sasb, de Ceilândia, apresentou grande repertório ao público

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Paulo Andrade levou um pouco de arte

do Buraco do Jazz, Kelly, familiarizada desde a adolescência com música, por ter estudado piano, deu o veredito: "Sou fã de blues e de jazz, e como brasileiro via que a cidade sentia falta de eventos como este, que são uma delícia. Além de tudo, é uma forma de inserir todos na apreciação de um estilo de música diferenciado". A música se embrenhou com ramificações no evento do Eixão: representante das artes visuais, Paulinho Andrade, aproveitou o espaço para apresentar (e comercializar) uma série de cópias de aquarelas dispostas no Varal do Jazz. Estantes de livros, discos e vinis também marcaram presença.

Antes do lançamento do livro *O mito de Narciso* (previsto para setembro), Paulinho Andrade expôs o conteúdo da série *Desenhos de Jazz*, cujos originais, entrarão,

em breve, num circuito de exposições pelos Estados Unidos e ainda Irlanda. "É a minha big band esta reunião de aquarelas", sintetizou em torno das obras vistas com antecedência pelos brasileiros. Para aqueles que perderam o evento da tarde de ontem, o futuro calendário do Eixão do Jazz promete ser generoso. "Tivemos, por seis meses, edições em 2023, na 111 Norte. Agora a ideia é de estar (na altura da 207 Norte) todos os domingos, para entrar na agenda. Na próxima edição (em 12 de maio) teremos a homenagem ao dia das mães, com apresentação da Marlene Souza Lima (guitarra). Vamos alternar produções autorais com tributos a ícones", explica Dudão Melo, músico e DJ, que além de organizador, integrou o coletivo Super Jazz que se apresentou no evento.

Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.df@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em 5 de maio de 2024

» Cemitério Campo da Esperança

Belchliolina Paiva Monteiro da Silva, 77 anos
Daniel Carlos de Queiroz, 42 anos
Edelweiss Nogueira de Carvalho, 85 anos
Francisca Ferreira do Nascimento, 78 anos
Francisco Raidon do Nascimento, 24 anos
Geraldo Costa Xavier, 83 anos

José Alves Ferreira, 89 anos
Juracy Lima de Sousa, 69 anos
Luís Gonzaga Veras Brito, 62 anos
Maria Alcelina de Deus Telles de Souza, 87 anos
Maria Bezerra Rodrigues, 69 anos
Renato de Melo Miller, 36 anos
Sebastiana dos Santos da Silveira, 86 anos
Teresa de Jesus Cardoso Roquete, 94 anos

» Cemitério de Taguatinga

Camila Amara da Silva, 34 anos
Eduardo Félix de Sá, 84 anos
Geraldo Alves de Alcântara, 85 anos
Lauro Ferreira Benfica, 87 anos
Luciano da Costa, 65 anos
Marco Aurélio Rodrigues Brandão, 38 anos
Maria Alcília Vieira da Silva, menos de 1 ano
Maria das Gracas Rosa da Costa, 73 anos
Moisés Messias da Silva Lucas,

40 anos
Ricardo Alves Filho, 81 anos
Severina Ferreira da Silva, 76 anos
Tereza de Jesus de Almeida, 87 anos

» Cemitério do Gama

Gesival Ferreira de Sá, 54 anos
Sebastião Gonçalves dos Santos, 84anos
Walter Campos, 80 anos

» Cemitério de Planaltina

Florêncio Ribeiro de Araújo,

78 anos
Igor Marcos da Silva, 29 anos
João Virgínio da Cunha Filho, 86 anos
Wesley Martins Dos Santos, 61anos

» Cemitério De Brazlândia

Carmelino Nunes Rego, 75anos
Maria das Dores do Nascimento, 81 anos

» Cemitério de Sobradinho

Gaspar Francisco de Oliveira,

79 anos

» Jardim Metropolitano

Liliane Conceição dos Santos da Silva, 32 anos
Creso Villela, 95 anos
Prececio Esteves dos Santos, 93 anos
Ianie Britto Coutinho, 97 anos
Tiverio Manuel Yepes Castillo, 43 anos
Maria Rosimar Campanelli Tavares, 74 anos